



JESUS
PALAVRA ENCARNADA, PALAVRA ANUNCIADA
I CONGRESSO BRASILEIRO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL
Goiânia 8 a 11 de Outubro de 2011

Francisco Orofino
Carlos Mesters¹

Introdução

Jesus, Palavra Encarnada, Palavra Anunciada

1. Como Jesus encarnava a Palavra de Deus em sua vida

- 1. Em Jesus “a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).**
- 2. As etapas do processo da encarnação da Palavra de Deus em Jesus**

Os três ambientes da formação de Jesus

- * Em casa na família.
- * Na sinagoga em comunidade.
- * No templo no meio do povo.

3. O contexto mais amplo do ambiente em que Jesus se formou

As propostas pedagógicas da época de Jesus
Os primeiros passos de Jesus na sua formação
A escola de Jesus

4. Instruído pela meditação da Palavra, Jesus assume a missão do Servo

2. Como Jesus anunciava a Palavra de Deus ao povo

1. Um novo modo de anunciar a Boa Nova de Deus

Refazer o relacionamento humano na base
Visitar o povo nas suas casas e recuperar a dimensão sagrada da festa
Cuidar dos doentes e acolher os excluídos
Ir ao encontro das pessoas e propor um caminho
Criar comunidade e reconciliar as pessoas
Superar as barreiras de gênero, religião, raça e classe

¹ Carlos Mesters e Francisco Orofino fazem parte do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), entidade ecumênica criada em 1977 para aprofundar, articular e intensificar a leitura da Bíblia que o povo já fazia nas comunidades. O objetivo do CEBI é promover uma leitura libertadora da Bíblia a serviço da pastoral popular das igrejas cristãs. Este escrito é fruto de um trabalho nas Comunidades Eclesiais de base e grupos dos movimentos populares.

2. O uso que Jesus faz da Bíblia para anunciar a Boa Nova de Deus

Jesus usa a Bíblia em todos os níveis da atividade Pastoral: FAMILIARIDADE

O uso que Jesus faz da Bíblia incomoda os conservadores: LIBERDADE

Na maneira de usar a Bíblia Jesus busca o objetivo da lei: FIDELIDADE

3. A prática pedagógica de Jesus.

Uma pedagogia que parte da realidade.

Uma pedagogia participativa.

Uma pedagogia libertadora.

4. O objetivo do uso da Bíblia na Pastoral: revelar a presença de Deus na vida

1º Livro: a criação, a natureza, a vida, o mundo, o cosmos, os fatos, a história

2º Livro: a Bíblia

5. A Mística: só pode trabalhar com a Palavra quem se deixa trabalhar pela Palavra

3. Conclusões práticas para a animação bíblica da pastoral

INTRODUÇÃO

O tema do Congresso é: “A animação Bíblica da Pastoral”. O tema desta nossa reflexão é: “Jesus: Palavra Encarnada e Palavra Anunciada”. A palavra *pastoral* vem de *Pastor*. Quem trabalha na pastoral procura imitar Jesus, “o bom pastor” (Jo 10,11.14). Nesta reflexão vamos ver de perto como era a animação bíblica da prática de Jesus como Pastor.

Buscar a prática pedagógica de alguém é mergulhar na sua vida, no seu ambiente, nas suas relações, na sua fala, no seu pensamento. É também entender a proposta que ele oferece aos que o escutam, bem como a sua maneira de oferecer esta proposta. Enfim, a pedagogia de uma pessoa revela quem ela é. Buscar a pedagogia de Jesus é entender o caminho que ele propôs, a maneira de ele chamar as pessoas para trilhar este caminho e o modo como ele mesmo trilhou este caminho.

Nesta reflexão vamos olhar, em primeiro lugar, para a pessoa de Jesus, como ele mesmo encarnou a Palavra em sua vida. Em segundo lugar, vamos olhar para o seu relacionamento com as outras pessoas, como lhes anunciava a Palavra de Deus. No fim, uma breve síntese das conclusões práticas para o uso da Bíblia em vista da animação bíblica da toda a pastoral.

1

Como Jesus encarnava a Palavra de Deus em sua vida

Antes de mais nada, é necessário lembrar um dado muito importante que condicionará tudo que vamos dizer sobre a encarnação da Palavra em Jesus e sobre o anúncio que ele fazia da mesma Palavra ao povo. Naquele tempo, ninguém tinha Bíblia em casa. Só havia uma única Bíblia para todos na Sinagoga. Era no ambiente orante comunitário tanto da Casa como da Sinagoga, que a Palavra era ouvida e meditada, anunciada e praticada.

1. Em Jesus “a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Cada um de nós, pelo simples fato de nascer neste mundo, nasce num determinado lugar, numa determinada família, num determinado povo. Nasce marcado de muitas maneiras. Jesus também. A família, a cultura, a língua, o lugar do nascimento afetam a vida da gente de alto a baixo. E estas coisas, ninguém as escolhe. Elas fazem parte da existência humana. São o ponto de partida para qualquer coisa que se queira fazer na vida. É o mistério da encarnação! Jesus assumiu estes condicionamentos lá onde eles pesam mais, isto é, no meio dos pobres. Jesus era um “filho do carpinteiro” (Mt 13,55). “Sendo de condição divina, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de empregado”, um no meio de muitos (Fl 2,6-7; cf. 2Cor 8,9). “Ele foi provado como nós, em todas as coisas, menos no pecado” (Hb 4,15). “Mesmo sendo filho de Deus, teve que aprender pelo sofrimento o que vem a ser a obediência” (Hb 5,8).

A encarnação da Palavra em Jesus foi um processo que se iniciou com o **Sim** obediente de Maria e terminou com o último **Sim** de Jesus na cruz quando disse: “Está tudo consumado” (Jo 19,30). Jesus deixou a Palavra de Deus entrar dentro de si, e ela tomou conta de tudo. Ele dizia: “Eu faço sempre o que o Pai me manda fazer” (Jo 12,50). “O meu alimento é fazer a vontade do Pai” (Jo 4,34). Fazer a vontade do Pai e cumprir a missão era o eixo da vida de Jesus. Como diz a carta aos hebreus, citando o salmo: “Ao entrar no mundo ele afirmou: “Eis me aqui! Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade!” (Hb 10,5.7; Sl 40,8-9). Jesus se deixou moldar pela Palavra a cada momento da sua vida. Por isso podia dizer: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Como diz o povo do menino que se parece com o pai: “É a cara do pai!”

Esta encarnação da Palavra em Jesus não era automática, mas sim fruto de uma luta que ele travava dentro de si para obedecer ao Pai em tudo. Jesus dizia: “Por mim mesmo nada posso fazer: eu julgo segundo o que ouço” (Jo 5,30; 5,19). Não foi fácil. Para obedecer à Palavra do Pai, Jesus teve que desobedecer várias vezes às autoridades religiosas da época.

Ele teve momentos difíceis, em que gritava: “Afasta de mim este cálice!” (Mc 14,36). Teve que pedir a ajuda dos amigos (Mt 26,38.40). Teve que rezar muito para poder vencer (Hb 5,7; Lc 22,41-46). Mas venceu! Ele mesmo o confirma: “Eu venci o mundo!” (Jo 16,33). Como diz a carta aos Hebreus: “Durante a sua vida na terra, Cristo fez orações e súplicas a Deus, em alta voz e com lágrimas, ao Deus que podia salvá-lo da morte. E Deus o escutou, porque ele foi submisso”. (Hb 5,7)

2. As etapas do processo da encarnação da Palavra de Deus em Jesus

Os três ambientes da formação de Jesus

Em CASA na família.

Na segunda carta a Timóteo transparecem os costumes familiares daquele tempo. Paulo diz: “Lembro-me da fé sincera que há em você (Timóteo), a mesma que havia antes na sua avó Lóide, depois em sua mãe Eunice e que agora, estou convencido, também há em você” (2Tim 1,5). E ainda: “Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo” (2Tim 3,15). A transmissão da fé nada mais era do que a leitura orante ou a ruminção constante da Palavra de Deus na convivência familiar. Esta mesma ruminção da Palavra transparece no Cântico de Maria (Lc 1,46-55), todo recheado de citações de salmos e outras evocações bíblicas. Sinal de que eles conheciam a Bíblia e rezavam os salmos a ponto de conhecê-los até de memória.

Na SINAGOGA em comunidade.

Todo sábado Jesus participava da celebração da Palavra na sinagoga. Era o costume dele (Lc 4,16). O conhecimento que tinha da Bíblia vinha destas reuniões semanais na comunidade, onde se faziam duas leituras: da Lei e dos profetas (At 13,15). Em Nazaré, naquele sábado, Jesus fez a leitura do profeta Isaías (Lc 4,18,19; Is 61,1-2). Rabi Aquiba (Séc II) definiu as reuniões semanais com esta frase lapidar: “*O mundo repousa sobre três colunas: a Lei, o Culto e o Amor*”. A *Lei* é a Bíblia, o *Culto* é a reza dos salmos, o *Amor* é a vontade de ajudar o próximo. Até hoje as reuniões das nossas comunidades são assim.

No TEMPLO nas romarias com o povo.

O ano litúrgico, marcado pelas grandes festas de Páscoa, Pentecostes e Tendias, mantinha no povo a memória das grandes etapas da sua história, narradas na Bíblia. Mantinha viva a consciência da sua pertença ao povo de Deus. Aqui se situam as romarias (Ex 23,14-17), nas quais Jesus participava desde doze anos de idade e que o empolgavam tanto a ponto de permanecer em Jerusalém no meio dos doutores para aprender mais as coisas de Deus, lembradas nas Escrituras (Lc 2,41-50).

Será que hoje conseguimos criar para nós, dentro da nossa realidade e cultura, através da nossa ação pastoral, um ritmo comunitário orante que seja diário, semanal e anual e envolva a família, a comunidade e a paróquia? Este é o grande desafio para nós que queremos retomar hoje o caminho de Jesus e sermos seus discípulos e discípulas.

3. O contexto mais amplo do ambiente em que Jesus se formou

As propostas pedagógicas da época de Jesus

Conhecer a prática pedagógica daquela época ajuda a entender melhor a prática pedagógica de Jesus. Na sociedade judaica, no primeiro século da Era Cristã, os rabinos eram os grandes educadores. Para exercer esta função, o candidato devia freqüentar a Escola dos Escribas em Jerusalém (Eclo 51,23; At 22,3). Durante o tempo de preparação, os candidatos deviam apropriar-se de um conteúdo básico que incluía o estudo das Escrituras e da Tradição dos Antigos (Eclo 39,1-11). Depois de formados, voltavam para suas aldeias e educavam as pessoas, convivendo e compartilhando com elas os afazeres cotidianos. Dividiam seu dia em

três partes: oito horas para o estudo, oito horas para o trabalho e oito horas para o descanso. Dando exemplo de uma vida disciplinada, os escribas eram respeitados e temidos pelo povo da aldeia.

Na sua prática educacional, os rabinos ocupavam os dois principais espaços da aldeia. O primeiro espaço era o culto semanal na sinagoga. Aqui a leitura da Escritura era feita em hebraico e a explicação para o povo era feita em aramaico. Esta interpretação visava dar ao povo elementos necessários para viver a fé e, ao mesmo tempo, resistir às forças desagregadoras da ocupação romana. Educar era antes de tudo, preservar as tradições e não se deixar envolver pelas propostas do mundo cultural greco-romano. O segundo espaço era a escola, que funcionava junto à sinagoga (cf. At 15,21). Aqui o rabino era realmente um professor. Na escola os meninos da aldeia aprendiam a ler e a escrever. As meninas estavam excluídas. O estudo permitia que os meninos, aos treze anos, fizessem o rito de iniciação chamado de *Bar Mitzvah*. Neste dia o menino, lendo e interpretando uma passagem da Escritura diante de sua comunidade, demonstrava ter o discernimento necessário para tomar decisões. A partir deste dia era considerado um adulto. Portanto, a prática pedagógica dos rabinos visava a maturidade das pessoas para que elas pudessem ser membros ativos da vida social, participando das decisões tanto da aldeia quanto do país.

Ocupando estes dois espaços numa pequena aldeia, o escriba tornava-se uma referência forte e obrigatória, metendo-se na vida de todos, opinando e interferindo, mesmo quando não era chamado. Na verdade um rabino era a grande autoridade do lugar. Ele podia entrar nas casas e vistoriar bens, comidas e roupas (Lv 14,33-56; Mt 23,14). Podia expulsar qualquer membro da comunidade que apresentasse algum sintoma de “lepra” e que poderia colocar em risco a vida das pessoas da comunidade (Lv 13,1-59). Sentado na cátedra da sinagoga (Mt 23,2), ele definia o rumo da vida das pessoas colocadas sob sua guarda. Tinha muito poder e sabia exercê-lo.

Os primeiros passos de Jesus na sua formação

Jesus cresceu neste ambiente. Até os doze anos deve ter freqüentando a escola sinagoga, já que sabia ler (Lc 4,16) e escrever (Jo 8,6). Aos treze anos passou pelo ritual do *Bar Mitzvah* (Lc 2,41-46) e foi considerado adulto por sua comunidade. O episódio da visita ao Templo relatado por Lucas não deixa de ser irônico, já que Jesus, tendo apenas doze anos, ainda era considerado uma criança. Mesmo assim, sendo apenas uma criança, ele já confunde os doutores.

Depois deste episódio não sabemos mais nada sobre a formação intelectual de Jesus. Sabemos apenas que ele “crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Quando voltamos a ter notícias dele, no fim dos trinta anos em Nazaré, vemos que Jesus faz sua opção pelo movimento popular de sua época, marcado pela mensagem profética de João Batista (Mt 3,13-15; Mc 1,2-11; Lc 3,1-22; Jo 1,19-34). Estas suas decisões de vida, das quais não sabemos muita coisa, marcaram sua trajetória.

Ao iniciar a sua “vida pública”, Jesus percebe que, dentro da sociedade de seu tempo, uma grande multidão está sem rumo, “como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36; Mc 3,7-8). Depois da morte de João, Jesus vai ao encontro desta multidão, mas sem fazer propriamente um trabalho de massa. Na verdade ele passa a se relacionar com pessoas bem concretas, fazendo-lhes uma proposta: “O tempo já se cumpriu; o Reino de Deus está próximo; mudem de vida e acreditem nesta Boa Nova” (Mc 1,15).

O que vamos aprofundar é a maneira pedagógica de Jesus em oferecer esta proposta muito simples ao povo de sua época que podemos chamar de *pastoral ou pedagogia de Jesus*. Alguns dados presentes nos evangelhos mostram que Jesus foi um mestre singular, já que não tinha a idade de fazer pregações públicas nem tinha freqüentado a Escola dos Escribas (Jo 7,15). O que ele trazia consigo era sua bagagem de educador caseiro, formado nas lutas da

vida, no tempo em que ainda era um simples artesão vivendo com os seus na aldeia de Nazaré (Mc 6,3), e aquilo que tinha aprendido na convivência com aqueles que participavam do movimento popular do Batista.

Mas antes disso, vamos ver brevemente qual foi de fato esta **escola** onde Jesus aprendeu o que mais tarde ensinou:

A escola de Jesus

Jesus não teve a oportunidade, como o apóstolo Paulo, de estudar na escola superior de Jerusalém com um doutor como Gamaliel (At 22,3). Dos trinta e três anos da sua vida, ele passou mais de trinta no anonimato, em Nazaré, uma aldeia pequena e sem importância (Jo 1,46). Lá ele viveu e se formou, aprendendo em casa com a família e na comunidade com o povo (cf. Lc 2,52). Esta foi a ESCOLA de Jesus.

A escola de Jesus era, antes de tudo, **a vida em casa**, na família, onde vivia com os pais, obediente a eles (Lc 2,51). Mas é bom sabermos que “família”, naquela época, reunia muita gente. Na verdade eram famílias ampliadas, reunindo pessoas unidas por laços de parentesco e que hoje chamamos de “clã”. Foi lá, no meio de muita gente, que ele aprendeu a amar, a andar, a falar, a conviver, a rezar, a trabalhar, a pensar.

A escola de Jesus era a **Bíblia**, lida na comunidade (sinagoga) e ruminada em casa. Pelos evangelhos, como veremos mais adiante, a gente percebe que Jesus conhecia muito bem a Bíblia. Se alguém juntar todas as alusões ou citações que Jesus faz da Bíblia, perceberá que ele conhecia a Bíblia de cor e salteado. Fruto da participação nas reuniões da comunidade, dos doze aos trinta anos de idade, o tempo em que viveu em Nazaré. Do contrário, não teria chegado a conhecer tão bem a Bíblia.

A escola de Jesus era a **Tradição**, transmitida pelos escribas ou doutores da lei. Jesus reconhece a autoridade dos escribas, os teólogos da época. Mas avisa: "Façam o que eles dizem, mas não o que eles fazem!" (Mt 23,3) Reconhece que eles transmitem a vontade de Deus. Mas denuncia: muita coisa do que eles exigem não tem nada a ver com a vontade do Pai. Eles esvaziam o mandamento de Deus (Mc 7,13). “Vocês abandonam o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens.” (Mc 7,8)

A escola de Jesus era **a convivência com o povo** de Nazaré. Nazaré era um povoado pequeno, onde todo mundo conhecia todo mundo. Eles conheciam Jesus e a sua família (Mc 6,3). Jesus conhecia o povo (Jo 2,24-25). Nesta convivência de mais de trinta anos aprendeu as inúmeras coisas que todos nós aprendemos naturalmente, ao longo dos anos da vida: as tradições, os costumes, as festas, os jogos, os cânticos, os tabus, as histórias, os medos, as doenças, os poderes, os remédios.

A escola de Jesus era o **trabalho**. Jesus se formou trabalhando. Aprendeu a profissão de seu pai (Mt 13,55). A palavra *carpinteiro* que define a profissão de Jesus dá a idéia de um artesão da comunidade. Jesus servia ao povo de Nazaré como carpinteiro, pedreiro e ferreiro (Mc 6,3). Além disso, como todo judeu do interior, trabalhava na roça como agricultor. Carpintaria e Roça! Trabalho duro para viver e sobreviver. Na Galiléia a terra não é ruim. Dá o suficiente para o povo viver. Mas os impostos eram altos e o controle fiscal rígido. Havia muitos cobradores de impostos, chamados de publicanos (Mc 2,14.15). O povo não tinha defesa contra o sistema que o explorava.

A escola de Jesus era o **mundo**. O povo da Galiléia tinha uma maneira diferente de conviver com os outros povos. Era mais aberto e mais ecumênico que o da Judéia, no Sul. A Galiléia estava cercada de cidades pagãs, todas elas grandes centros comerciais: Damasco, Tiro, Sidônia, Ptolemaida, Cesaréia, Samaria e a Decápole. Por isso, os judeus da Galiléia tinham mais contato com os pagãos do que os da Judéia. Este contato mais freqüente com os outros povos teve influência na formação de Jesus. Ele não se fecha nos limites históricos de

Israel e viaja para as regiões de Tiro e Sidônia (Mc 7, 24.31), da Decápole (Mc 5,1.20; 7,31), de Cesaréia de Filipe (Mc 8,27) e de Samaria (Lc 17, 11). Andando por esses lugares, ele conversa com o povo que os judeus mais fechados consideravam impuro (Mc 7,24-29; Jo 4,7-42). Jesus reconhece o valor e a fé de pessoas que não eram judias e aprende delas (Mt 8,10; 15,28).

A escola de Jesus era a **sua vida de intimidade com Deus, seu Pai**. Jesus rezava muito. Passava noites em oração (Lc 6,12). Na oração, procurava saber o que o Pai queria dele (Mt 26,39). Na medida em que crescia nele a intimidade com o Pai, crescia também a consciência de filho. Jesus adquiria um olhar diferente para ler e entender a Bíblia e a vida. A Bíblia era lida e ensinada pelos fariseus e escribas a partir de uma determinada idéia de Deus. Jesus, que experimentava Deus como Pai, já não podia concordar com tudo que se ensinava na sinagoga. Ele foi descobrindo que os apelos da vida humana falam tanto e até mais de Deus do que todos os preceitos e doutrinas transmitidas pela Bíblia.

4. Instruído pela meditação da Palavra, Jesus assume a missão do Servo

Naqueles trinta anos em Nazaré, Jesus “crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele” (Lc 2,40). A Palavra de Deus foi entrando nele, tomando conta da sua vida. Já aos doze anos, lá no templo, ele respondia aos pais: “*Então, vocês não sabiam que devo estar na casa do meu Pai?*” (Lc 2,49). Jesus meditava as histórias e as profecias e, aos poucos, ia encontrando nelas o rumo da sua missão. É sobretudo a missão do Servo de Deus, anunciado por Isaías, que o atraía (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Quando aos trinta anos foi tentado pelo satanás para seguir por outros caminhos que não eram o caminho do serviço, foi na Bíblia que Jesus encontrou as respostas para vencer a tentação e se firmar na sua missão (Mt 4,4.7.10). Finalmente, na sinagoga de Nazaré, ele escolhe um texto de Isaías sobre a missão do Servo de Deus para expor o programa da sua missão junto ao povo (Lc 4,18-19 e Is 61,1-2).

Esta auto-compreensão de Jesus como Servo de Deus tem sua raiz na esperança dos pobres e na convivência em família e na comunidade. O ensino oficial esperava um Messias glorioso que fizesse o povo de Deus ser grandioso no meio dos povos. Só os pobres esperavam um Messias pobre e *servidor*, anunciado por Isaías, e encaravam a missão do povo de Deus, não como um domínio, mas como um serviço à humanidade. Maria, a pobre de Javé, dizia ao anjo: “Eis aqui a *serva* do Senhor!” Foi a partir dela e dos pobres, dos *anawim*, que Jesus lia as Escrituras e que aprendeu o caminho do serviço.

Outro sinal do longo aprendizado bíblico é a frequência com que Jesus se identifica com a figura do Filho do Homem. *Filho do Homem* é o título que Jesus mais gostava de usar. Aparece mais de 80 vezes só nos quatro evangelhos! A expressão *Filho do Homem* vem dos profetas Ezequiel e Daniel. Em Ezequiel, a expressão “filho do homem” acentua, inúmeras vezes, a condição humana do profeta. (a Bíblia Pastoral traduz *Criatura Humana*). No livro de Daniel a expressão *Filho do Homem* ocorre na visão do profeta sobre os grandes impérios ou reinos do mundo (Dn 7,1-28). Os impérios são apresentados sob a figura de um animal (Dn 7,3-9), pois eles são animais, violentos, desumanizam a vida. O Reino de Deus é apresentado sob a figura de um ser humano, *Filho do Homem* (Dn 7,13), que acentua a missão humanizadora do Reino de Deus. O Filho do Homem, isto é, o povo de Deus, não se deixa desumanizar pela ideologia dominante dos reinos animais. A sua missão consiste em realizar o Reino de Deus como um reino *humano*, reino que não persegue a vida, mas sim a promove! Humaniza as pessoas. Tudo que desumaniza, afasta de Deus. Foi o que Jesus fez.

Como Jesus anunciava a Palavra de Deus ao povo

1. Um novo modo de anunciar a Boa Nova de Deus

Depois deste longo e duro aprendizado, Jesus começa a transmitir sua experiência de vida. Ele não quer ensinar as pessoas a viverem melhor os mandamentos da Lei ou a obedecerem às autoridades constituídas. Jesus quer que as pessoas cresçam para que mantenham um relacionamento adulto e consciente com Deus. Jesus não quer estabelecer uma relação de dependência entre professor-aluno, mas é como um amigo que está a serviço de seus amigos e amigas. Foi desta maneira que ele começou a educar. Destacamos aqui alguns aspectos que caracterizam o jeito de Jesus anunciar a Boa Nova de Deus e de ser um sinal vivo da mesma.

Refazer o relacionamento humano na base

As atividades pedagógicas de Jesus visavam, antes de tudo, refazer os relacionamentos humanos na base que estavam em total desintegração. Jesus percebe a situação concreta de desintegração em que se encontrava a vida comunitária de seu povo. No antigo Israel, o clã, isto é, a família ampliada, a **Casa**, a comunidade, era a base da convivência social. Uma pessoa excluída desta convivência vagava sem rumo e sem identidade. A *Casa* era a garantia de vida para uma pessoa. A *Casa* garantia a terra, a proteção, a defesa, os relacionamentos, as tradições que davam identidade a uma pessoa. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor a Deus e ao próximo. Defender a *Casa*, o clã, era o mesmo que defender a Aliança entre Deus e o povo.

Mas na época de Jesus a *Casa* estava muito enfraquecida. O que estava enfraquecendo as casas era, em primeiro lugar, a política dos romanos e de Herodes, que estava confiscando a produção das casas através dos impostos. Em segundo lugar, a prática religiosa centrada nos sacrifícios e nos dízimos, que canalizava para o templo de Jerusalém grande parte dos produtos necessários para a sobrevivência das famílias. Mais da metade do salário familiar era recolhida como imposto, tributo, taxa e dízimo. Tais políticas geravam doentes, famintos, marginalizados, viúvas, órfãos, possessos, pobres e mendigos. Mas geravam também uma forte oposição ao sistema, como os zelotas, os sicários, e o movimento profético popular, como o movimento do Batista. A participação de Jesus neste ambiente tenso e carregado, bem como sua opção pelo movimento popular de João Batista foram determinantes para a escolha de sua missão e para a formação que ele deu aos discípulos e discípulas.

Visitar o povo nas casas e recuperar a dimensão festiva da vida

Numa época em que a religião oficial insistia no espaço sagrado do Templo e nas coisas ligadas ao culto, Jesus recupera a dimensão caseira da fé. É impressionante verificar como nos evangelhos o ambiente da *Casa* exerce um papel central na atividade pastoral de Jesus. Durante os três anos que andou pela Galiléia ele entrava e vivia nas *casas* do povo. Entrou na *casa* de Pedro (Mt 8,14), de Mateus (Mt 9,10), de Jairo (Mt 9,23), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Simão o leproso (Mc 14,3), de Zaqueu (Lc 19,5). O oficial reconhece: “Não sou digno de que entres em minha *casa*” (Mt 8,8). E o povo procurava Jesus na *casa* dele (Mt 9,28; Mc 1,33; 2,1; 3,20). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia na *casa* de Marta, Maria e Lázaro (Jo 11,3.5.45; 12,2). No envio dos discípulos e discípulas a missão deles é entrar nas *casas* do povo e levar a paz (Mt 10,12-14; Mc 6,10; Lc 10,1-9).

Jesus, sua mãe e todos os discípulos participam da festa de casamento em Caná (Jo 2,1-2). Jesus aceita convite para almoçar e jantar nas casas do povo: de Simão o leproso (Mc 14,3), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Marta e Maria (Jo 12,2), de um outro fariseu (Lc 11,37; 14,12). É na sala superior da *casa* de um amigo que Jesus celebrou a última páscoa

com seus amigos (Mt 26,18-19). Envia os discípulos e discípulas para reconstruir o clã nas aldeias da Galiléia nas quatro bases da vida comunitária: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida aos excluídos (Lc 10,1-9). Tanto assim que os adversários o acusavam de ser um comilão e um bebedor (Mt 11,19; Lc 7,34). Depois da ressurreição, Jesus entrou em *casa* com os dois discípulos em Emaús e foi reconhecido por eles no gesto tão caseiro da fração do pão (Lc 24,29-30).

Cuidar dos doentes e acolher os excluídos

Podemos dizer, a partir dos evangelhos, que o primeiro trabalho pastoral de Jesus foi cuidar de doentes (Mc 1,32). Os enfermos, por causa de sua doença considerada um castigo divino, eram afastados do convívio social, perambulando pelas ruas, aguardando uma esmola. Ao voltar-se para os doentes, Jesus conscientemente assumiu um lado da sociedade de seu tempo. Assumiu conscientemente uma marginalização social, a ponto de já não poder entrar nas cidades (Mc 1,45). Com esta sua atitude, a pessoa mesma de Jesus, compreendida a partir desta sua opção pastoral, é sua primeira proposta formativa.

As pessoas ao seu redor passam a chamá-lo de *rabi*, palavra que significa *mestre* (Jo 1,38). Jesus não é um *professor* que ensina um saber acadêmico. Ele é um *mestre* que convive com seus seguidores e seguidoras. Podemos concluir que a vida pública de Jesus começa com seu trabalho educativo cuidando dos doentes, convivendo com os pobres e os marginalizados. Jesus sintetiza esta sua opção através de um ditado popular bastante óbvio: “Não são os sadios que necessitam de médico, mas os enfermos” (Mc 2,17). Esta sua atitude pastoral é a primeira proposta formativa.

Ir ao encontro das pessoas e propor um caminho

Jesus adota um estilo de vida que revela sua pedagogia, diferente da pedagogia dos escribas de sua época. No lugar de encerrar-se numa sinagoga ou numa escola e exercer o poder de um escriba, Jesus rompe este esquema, tornando-se um pregador ambulante. Onde encontra gente para escutá-lo, ele fala e transmite a Boa Nova de Deus. Em qualquer lugar. Nas *sinagogas* durante a celebração da Palavra nos sábados (Mc 1, 21; 3,1; 6,2). Em *reuniões* informais nas casas de amigos (Mc 2,1.15; 7,17; 9,28; 10,10). Andando pelo *caminho* com os discípulos (Mc 2,23). Ao longo do mar, à beira da *praia*, sentado num barco (Mc 4,1). No *deserto* para onde se refugiou e onde o povo o procura (Mc 6,32-34). Na *montanha*, de onde proclama as bem-aventuranças (Mt 5,1). Nas *praças* das aldeias e cidades, onde povo carrega seus doentes (Mc 6, 55-56). Mesmo no *Templo* de Jerusalém, nas romarias, diariamente, sem medo (Mc 14,49)! Ele vai ao encontro das pessoas, estabelecendo com elas uma relação direta através da prática do acolhimento.

Algumas pessoas começam a rever suas vidas e a encarar Jesus de uma maneira diferente. Ele não apenas ensina, mas apresenta sua prática como exemplo. Estas pessoas começam a *seguir* Jesus. A proposta pedagógica de Jesus é a do discipulado. Antes de propor ou expor um conteúdo básico doutrinário, Jesus propõe a estas pessoas um caminho de vida. A resposta da pessoa é *seguir* Jesus neste caminho. Ele mesmo tem consciência de que seu exemplo de vida é pedagógico: “*Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso...aprendam de mim...*” (Mt 11,28-30).

Criar comunidade e reconciliar as pessoas

Olhando os evangelhos vemos que um grande número de pessoas, das mais diferentes origens e ocupações, começa a seguir Jesus. Primeiro aparece um grupo de pescadores. Pedro, André, Tiago e João são trabalhadores, gente sem muita instrução (At 5,38), naturais de Betsaida, uma pequena aldeia da Galiléia (Mc 1,16-20). Desta mesma aldeia veio Filipe (Jo 1,44), provavelmente outro pescador. Mateus é um publicano, um cobrador de impostos, um judeu que serve aos romanos (Mt 9,9). Ao lado dele encontramos Simão, o zelota (Mt 10,4). Um zelota era um guerrilheiro que combatia duramente a ocupação romana.

E agora Mateus e Simão caminham juntos, lado a lado, unidos pela mesma opção. Como Jesus conseguiu esta proeza, não sabemos. Sinal de que fazia parte de sua pedagogia aceitar gente das mais extremadas posições sociais e políticas dentro de Israel. Sua proposta era de construir uma comunidade que traduzisse toda a diversidade da sociedade de seu tempo e, ao mesmo tempo, mostrasse a possibilidade de uma reconciliação social, onde todas as correntes encontrassem um espaço de convivência.

Superar as barreiras de gênero, religião, raça e classe

A pedagogia de Jesus supera as mais difíceis barreiras de gênero, de religião, de raça e de classe. Ele acolhe e conversa com Nicodemos (Jo 3,1), que era um membro da alta classe judaica, com assento no Sinédrio. Jesus não só acolhe o pedido de um oficial romano para curar o filho doente (Mt 8,5; Lc 7,2), mas também elogia sua fé: "Eu declaro a vocês que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé." (Lc 7,9). Ele acolhe o pedido da mulher Cananéia que era de outra raça e de outra religião (Mc 7,25-29), e é criticado pelo fato de entrar na casa dos cobradores de impostos (Mc 2,15-16). Logo adiante vemos que Jesus também acolhe e conversa com uma mulher samaritana (Jo 4,7). Com esta mulher, da qual não sabemos sequer o nome, Jesus consegue estabelecer um diálogo construtivo, superando uma das mais difíceis barreiras, a religião. Para a samaritana Jesus era um judeu (Jo 4,9), ou seja, um inimigo religioso, opressor dos samaritanos. Jesus teve que, pacientemente, desarmar a samaritana e dizer: "Mulher, eu sou judeu, mas não sou teu inimigo!". Para estabelecer um diálogo com ela, Jesus começa a conversa revelando uma carência que só poderia ser saciada com o trabalho daquela mulher: "Dá-me de beber!" Revelar uma carência é uma boa maneira de estabelecer um diálogo! O longo diálogo entre Jesus e a samaritana mostra o quanto Jesus estava aberto para a presença das mulheres em seu grupo. Afinal, dentro da redação do evangelho de São João, a primeira pessoa a quem ele se revelou como Messias foi para aquela mulher considerada herética pelos judeus! Contrariando um grande número de rabinos, que não aceitavam mulheres em seus grupos de estudo, sabemos que muitas mulheres seguiam Jesus (Mc 15,41; Lc 8,2-3). O texto de João mostra que os próprios discípulos ficam surpresos com o diálogo de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4,27). Aceitar as mulheres em igualdade dentro do grupo não deve ter sido fácil para os discípulos (Lc 24,11).

2. O uso que Jesus faz da Bíblia para anunciar a Boa Nova de Deus

Jesus usa a Bíblia em todos os níveis da atividade Pastoral: FAMILIARIDADE

O que caracteriza o uso que Jesus fazia da Bíblia é a *familiaridade*. Passando os olhos pelos quatro evangelhos, a gente percebe que, para Jesus, a Bíblia não era um livro estranho, nem um livro de estudo ou um manual a ser decorado, mas sim um espelho onde encontrava refletida a vida do povo com seus problemas. Jesus ligava a Bíblia com a vida para iluminar os fatos e esclarecer as perguntas do povo. Ele conhecia tanto os livros como as etapas e os personagens da história do seu povo. Com a máxima facilidade ele usa e cita a Bíblia para esclarecer, ensinar, discutir, rezar, formar, se defender, provocar.

Escutando os ensinamentos de Jesus, você escuta neles a história da Bíblia inteira, do começo ao fim: desde Abraão, Isaque e Jacó (Mc 12,26), a história de Moisés na sarça ardente (Mc 12,26), as prescrições da Lei sobre a pureza legal (Mc 1,44; 7,10) e sobre o divórcio (Mc 10,3), até Jonas (Mt 12,39-41), a rainha do Sul (Mt 12,42), Salomão (Lc 11,31), Elias, Eliseu e as histórias de Naamã o Sírio e da viúva de Sarepta (Lc 4,25-27), e tantos outros. Ao jovem rico ele lembra os mandamentos da lei de Deus (Mc 10,19). Na expulsão dos vendedores do templo, ele cita de memória textos de Jeremias: "Vocês fizeram do templo uma toca de ladrões" (Mc 11,17 e Jr 7,11), e de Isaías: "Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (Mc 1,17 e Is 56,7). Cita Oséias: "Quero misericórdia e não sacrifício" (Mt 9,13; 12,7 e Os 6,6). Cita o primeiro mandamento do livro do Deuteronômio (Mc 12,29-30 e Dt 6,4-5) e a lei do amor ao próximo do livro do Levítico (Mc 12,31 e Lv 19,18), etc. etc..

O resultado do longo aprendizado de trinta anos em Nazaré transparece, sobretudo, na facilidade e na frequência com que Jesus usa, reza e cita os salmos. Os salmos eram o livro de canto que todos sabiam de memória. Jesus os cita e evoca nas bem-aventuranças, nas parábolas, no Sermão da Montanha: “Felizes os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,4; Sl 37,11); “Felizes os que choram porque serão consolados” (Mt 5,5; Sl 126,5); “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8; Sl 24,3-4); O pai que vê em segredo, escutará a prece feita em segredo (Mt 6,4; Sl 139,2-3). O abandono à providência divina (Mt 6,25-34; Sal 127). A parábola da vinha (Mc 12,1; Sl 80,9-19). “Eu sou o bom pastor” (Jo 10,11; Sl 23).

Nas discussões com os fariseus e doutores os textos da Bíblia que ele mais cita espontaneamente são os salmos. Sinal de que os conhecia de memória. Eles estavam na ponta da língua. “Da boca dos pequeninos e das criancinhas preparaste um louvor para ti” (Mt 21,16; Sl 8,3 LXX). “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” (Mt 21,42; Sl 118,23). “O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita” (Mt 22,44; Sl 110,1). “Vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso” (Mc 14,62; Sl 110,1)

Jesus revela sua união com o Pai através da reza dos salmos, sobretudo na hora do sofrimento. No Horto, ele desabafa “Minha alma está triste” (Mc 14,34). A frase lhe é fornecida por vários salmos (Sl 31,9-10; 42,5-6). Na cruz, ele reza dois salmos: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Sl 22,1) e “Em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46; Sl 31,6).

Nos três anos da sua atividade pastoral Jesus praticou o que aprendeu nos trinta anos em Nazaré. Sua ação pastoral é o reflexo da leitura que fazia da Bíblia em casa e na comunidade. Sem este ambiente orante comunitário não se entende o uso que Jesus fazia da Bíblia. O Pai-Nosso é um resumo orante de tudo que Jesus ensinou e no qual retoma os grandes ensinamentos que vinham desde o Antigo Testamento: santificação do Nome, vinda do Reino, realização da vontade expressa na lei, o maná ou o pão de cada dia, perdão das dívidas, resistência contra as tentações (Mt 6,9-13). Na “*Regra de Ouro*” Jesus oferece um resumo prático de tudo que a lei e os profetas ensinavam (Mt 7,12).

O uso que Jesus faz da Bíblia incomoda os conservadores: LIBERDADE

A característica da *familiaridade* indica não só o amplo conhecimento que Jesus tinha da Bíblia, mas também a consciência de que a Bíblia não é um livro estranho que pertence aos outros, mas é da nossa *família*. Esta consciência de “pertença familiar” vinha do ambiente comunitário no qual se lia, usava e se transmitia a Bíblia. É nosso livro, fala de nós! Eu não posso dispor de algo que não é meu. Mas quando uma coisa me pertence, quando ela é nossa, aí tenho a *liberdade* de dispor dela. Jesus revela esta liberdade frente às Escrituras Sagradas do seu povo, não para usá-las em seu próprio benefício, mas para expressar a sua total *fidelidade* ao sentido mais profundo da mensagem de Deus, revelada na Bíblia.

Jesus critica fortemente os doutores que insistem na observância da letra da lei e que, por isso mesmo, já não percebem o objetivo da lei: “Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês pagam o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixam de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar aquilo. Guias cegos! Vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo” (Mt 23,23-24)

Jesus critica o fundamentalismo que em nome de uma pretensa fidelidade transgride o objetivo da lei: “Vocês são bastante espertos para deixar de lado o mandamento de Deus a fim de guardar as tradições de vocês. Com efeito, Moisés ordenou: 'Honre seu pai e sua mãe'. E ainda: 'Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer'. Mas vocês ensinam que é lícito a alguém dizer a seu pai e à sua mãe: 'O sustento que vocês poderiam receber de mim é Corbã, isto é, consagrado a Deus'. E essa pessoa fica dispensada de ajudar seu pai ou sua mãe. Assim

“vocêsvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês transmitem. E vocês fazem muitas outras coisas como essas” (Mc 7,9-13).

Esta liberdade com que Jesus interpretava a Bíblia incomodava os conservadores. Em nome da compreensão fundamentalista da lei eles criticam a atitude pastoral de Jesus e se recusam a crer nele (Mc 2,7.16.18.24; 3,2-4.22; 7,1-8). Eles o observam para poder acusá-lo, e a acusação sempre vem da Bíblia, isto é, da interpretação que eles faziam da Bíblia. As respostas de Jesus às acusações dos conservadores também são tiradas da Bíblia. Nas respostas em torno do que pode e não pode em dia de Sábado, Jesus cita as palavras de Oséias (Mt 9,11-13 e Os 6,6), lembra como o próprio Davi transgredia a lei para atender à fome dos seus companheiros (Mc 2,25-26), e esclarece o sentido exato da pureza, quebrando assim o literalismo das interpretações dos doutores e fariseus (Mc 7,5-8.14-22). Esta liberdade no uso da Bíblia o colocou em conflito com as autoridades religiosas e foi a causa da sua condenação à morte.

Ele esclarece João Batista que, em nome da sua maneira estreita de entender a Bíblia, ficou na dúvida a respeito de Jesus: “É o senhor ou devemos esperar por outro?” (Mt 11,2-3). Jesus usa textos de Isaías para ajudar o amigo a ler melhor os fatos da vida: “Vão e digam a João o que estão vendo e ouvindo: Cegos vêm, coxos andam, leprosos são limpos, e feliz quem não se escandalizar comigo!” (Mt 11,4-6 e Is 35,5-6)

Quando recebe a notícia da prisão de João Batista (Mc 1,14), Jesus capta a palavra de Deus nos sinais dos tempos (cf. Mt 16,3) e diz: “*Esgotou-se o prazo, o reino de Deus chegou! Mudem de vida e acreditem nesta Boa Notícia*” (Mc 1,15). Esta sua maneira de ler os fatos à luz da Bíblia dá a Jesus olhos novos para perceber a presença do Reino de Deus no meio do povo. O Reino já estava aí, mas ninguém o percebia (Lc 17,20-21). Jesus o percebe e o revela (Mt 16,1-3).

O anúncio do Reino é o centro do ensino de Jesus ao povo. Nas parábolas, ele usa as coisas mais simples do dia-a-dia para ajudar o povo a perceber a presença do Reino nos fatos da vida. Deste modo, a própria vida com todos os seus detalhes começa a ser um instrumento para poder entender a mensagem mais central das promessas em torno do Reino de Deus. Jesus sabe usar o “segundo livro de Deus” que é a Bíblia para ajudar o povo a entender “o primeiro livro de Deus” que é a vida.

Na maneira de usar a Bíblia Jesus manda ultrapassar a letra: FIDELIDADE

Por causa desta sua liberdade na interpretação da Bíblia, Jesus foi criticado. Diziam que ele estava acabando com a Lei de Deus e com a Tradição dos Antigos. Ele responde: “Não vim para acabar com a Lei, mas para levá-la ao pleno cumprimento” (Mt 5,17). E dizia: “Se a justiça de vocês não for maior do que a justiça dos escribas e fariseus, vocês não vão poder entrar no Reino de Deus” (Mt 5,17).

Jesus ajuda o povo a ultrapassar a letra e a descobrir o espírito da lei. A lei do Sábado deve estar a serviço da vida (Mc 2,27). No Sermão da Montanha, seis vezes em seguida ele tem a coragem de dizer: “Antigamente foi dito, mas eu digo” (Mt 5,21-22.27-28.31-32.33-34.38-39.43-44). Assim ele esclarece o objetivo último do mandamento “Não matarás!” Só observa plenamente este mandamento aquele que for capaz de eliminar de dentro de si tudo aquilo que de uma ou de outra maneira possa levar ao assassinato, como raiva, xingamento e briga (Mt 5,21-22). E ele faz o mesmo com os mandamentos que proíbem o adultério (Mt 5,27-28), o falso testemunho (Mt 5,33-37) e com os costumes e práticas, como, por exemplo: “Olho por olho, dente por dente” (Mt 5,38-39) e “Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo” (Mt 5,43-44). O ideal supremo, diz Jesus, é “ser perfeito como é perfeito o Pai de vocês que está no céu!” (Mt 5,48).

Na longa instrução aos discípulos no evangelho de Marcos (Mc 8,27 a 10,45), Jesus os ajuda a entender o verdadeiro sentido da profecia de Isaías sobre o Servo de Javé. Ele cita

três vezes aquelas palavras da profecia que falam do sofrimento e da morte do Servo e as aplica a si mesmo (Mc 8,31; 9,31; 10,33-34). Mas os discípulos não deram conta de entender a interpretação de Jesus (Mc 8,32-33; 9,32). Em vez de pensar na cruz, pensavam na sua própria promoção. Jesus tentou ajudá-los (Mc 10,35-45), mas nem sempre o conseguia. A catequese tradicionalista os impedia de perceber a novidade trazida por Jesus.

Em outras ocasiões, Jesus corrige a interpretação dos fariseus a respeito da lei referente ao divórcio (Mt 19,3-9), critica a visão errada dos escribas sobre o retorno de Elias (Mc 9,11-13) e provoca dúvida a respeito da exatidão do ensino dos conservadores: “Como é que eles podem dizer que o Messias é filho de Davi se o próprio Davi o chama de Meu Senhor?” (Mc 12,35-37). Para os discípulos Jesus esclarece o sentido das parábolas e diz que a eles é dado conhecer o mistério do Reino de Deus (Mc 4,10-11).

O evangelho de Lucas usa o episódio de Emaus para sugerir aos cristãos dos anos 80 o método que Jesus usava na interpretação da Bíblia (Lc 24,13-35). A primeira atitude de Jesus é aproximar-se, caminhar junto e escutar a conversa. Ele faz perguntas e quer saber o que estão falando (Lc 24,15-19). Ele só começa a usar a Bíblia depois que eles conseguiram expressar o problema que os agitava por dentro. E ele usa a Bíblia não para dar uma aula sobre a Bíblia, mas para iluminar o problema da vida (Lc 24,25-27). E a Bíblia, ela sozinha, não abre os olhos, não faz enxergar. Ela faz arder o coração (Lc 24,32), isto sim. Mas o que faz enxergar de fato é o gesto comunitário da hospitalidade, de sentar juntos à mesa, de rezar juntos e de partilhar juntos o pão. Aí os olhos se abrem e eles mesmos ressuscitam (Lc 24,28-31).

3. A prática pastoral de Jesus.

A palavra *seguir* é o termo que define a prática pastoral de Jesus. Tal palavra indica o tipo especial de relacionamento entre Jesus, chamado *mestre*, e os seus seguidores e seguidoras, chamados *discípulos* e *discípulas*. Este relacionamento mestre-discípulo é muito diferente do relacionamento professor-aluno. Seguindo o mestre, o discípulo aprende convivendo com ele. Só entenderemos a prática pastoral de Jesus se entendermos sua prática formativa desenvolvida na convivência com as pessoas que o seguiam. Formando uma comunidade com seus discípulos, Jesus aponta como caminho pedagógico sua prática de ser um com eles. Vamos destacar alguns passos deste método educativo de convivência comunitária.

Uma pastoral que parte da realidade.

Jesus convida as pessoas à reflexão a partir das coisas ou dos fatos mais corriqueiros. Salgar a comida (Mt 5,13), acender uma lâmpada (Mt 5,14), pescadores que puxam rede (Mt 13,47), camponeses semeando (Mt 13,4), plantas que crescem (Mt 13,31), pastores trabalhando (Lc 15,4), uma galinha choca que protege seus pintainhos debaixo das asas (Mt 23,37), uma torre que cai sobre os operários (Lc 13,4), mulher fazendo pão (Lc 13,20), filhos que saem de casa (Lc 15,13), brigas familiares (Mc 3,25), juizes corruptos (Lc 18,2), trabalhadores desempregados (Mt 20,7), mendigos sentados nas portas (Lc 16,20), odres que se rompem (Mc 2,22), roupas remendadas (Mt 9,16), festa de casamento (Mt 22,2)... Qualquer situação humana é material suficiente para Jesus transmitir um ensinamento. Sua pedagogia parte da observação, da realidade, do cotidiano. Nada de decorar conteúdos ou raciocinar em cima de abstrações, mas de analisar fatos e situações bem concretas. Partindo destas situações caseiras, Jesus consegue se fazer entender por qualquer pessoa (Lc 10,21), permitindo que sua mensagem atinja a todos, sem discriminação.

Uma pastoral participativa.

Ao optar pelo ensinamento através de parábolas, Jesus adota uma pastoral de participação do ouvinte. A palavra *parábola* vem do grego e significa “comparação”. Na verdade, parábola tenta traduzir o hebraico *mashal*. Um *mashal* é mais do que uma

comparação. *Mashal* é uma sentença sapiencial, uma frase, um dito, um provérbio, enfim, o alicerce da Sabedoria que define o pensamento próprio do povo de Israel (cf. Sl 78,1-8). Ao adotar o *mashal* como instrumento pedagógico (Mc 4,33), Jesus está sendo fiel ao pensamento e à cultura de seu povo. Ao construir suas historietas, seus contos, seus “causos”, Jesus sabe que o *mashal* só se completa com a reação e a participação do ouvinte. Desta forma, vemos que Jesus faz sua opção por uma pedagogia participativa e de fácil acesso, sendo compreendido por todos.

A parábola provoca. Ela é uma forma participativa de ensinar, de educar. Não dá tudo trocado em miúdo. Não faz saber, mas faz descobrir. Ela leva a pessoa a refletir sobre a sua própria experiência de vida, e faz com que esta experiência a leve a descobrir que Deus está presente no cotidiano, no dia-a-dia. Esta era a novidade da Boa Nova trazida por Jesus, diferente dos doutores que ensinavam que Deus só se manifestava na observância da lei. Jesus diz: “O Reino está presente no meio de vocês!” (Lc 17,21). A parábola muda os olhos, faz da pessoa uma observadora da realidade. Certa vez, um bispo perguntou na comunidade: “Jesus falou que devemos ser como sal. Para que serve o sal?” Discutiram e, no fim, encontraram mais de dez finalidades para o sal! Aí foram aplicar tudo isto à própria comunidade e descobriram que *ser sal* é difícil e exigente! A parábola funcionou e ajudou-os a dar um passo. Jesus tinha uma capacidade muito grande de comparar as coisas de Deus como as coisas mais simples da vida. Isto supõe duas coisas que marcam a pedagogia de Jesus: estar bem por dentro das coisas da vida do povo, e estar bem por dentro das coisas de Deus, do Reino de Deus.

Uma pastoral que cria comunidades

Jesus propõe um caminho. No seu esforço de ser um com seus discípulos e discípulas, Jesus oferece a todos uma convivência. Nesta proposta ele não seleciona pessoas. Acolhe a todos e todas. Sabe conviver com todos, transmitindo e ensinando qualquer um que se proponha a ouvi-lo. Por outro lado, Jesus não trata a todos por igual. Ele sabe distinguir as pessoas com métodos particulares, conforme a situação peculiar de cada uma delas. Tanto Nicodemos quanto a samaritana receberam um ensinamento sobre o batismo. Mas o diálogo de Jesus com Nicodemos não é o mesmo que ele estabelece com a samaritana.

Ao longo daqueles três anos, Jesus acompanha os discípulos e as discípulas. Ele é o amigo (Jo 15,15) que convive com elas e eles, conversa com eles, come com eles, anda com eles, alegra-se com eles, sofre com eles. É através desta convivência pedagógica que os discípulos e as discípulas se formam. Muitos pequenos gestos refletem o testemunho de vida com que Jesus marcava presença na vida dos discípulos. O seu jeito de ser e de conviver com os amigos, de relacionar-se com as pessoas e de acolher o povo que vinha falar com ele era a maneira de ele dar forma humana à sua experiência de Deus como Pai.

Um ponto importante nesta prática pastoral é saber delegar, engajar e envolver os discípulos e discípulas na sua própria missão. Desde o primeiro momento do chamado, ele os envolve na missão (Lc 9,1-2; 10,1). Devem ir, dois a dois, para anunciar a chegada do Reino (Mt 10,7; Lc 10,1,9), curar os doentes (Lc 9,2), expulsar os demônios (Mc 3, 15), anunciar a paz (Lc 10,5; Mt 10,13) e rezar pela continuidade da missão (Lc 10,2). Ele os forma dentro da ação, envolvendo-os na missão que ele mesmo estava realizando em obediência ao Pai.

Uma pastoral libertadora.

Jesus vive e faz o que ensina e ninguém consegue acusá-lo de algum pecado (Jo 8,46). Ele é livre e comunica liberdade aos que o cercam (Jo 8,32-36), dando-lhes coragem de transgredir as tradições caducas dos escribas e arrancar espigas no campo (Mt 12, 1-8). Com os discípulos e discípulas cria relações intensas e profundas que ajudam as pessoas a crescer e se libertar. Ele soube ser:

* *Amigo*, que comparte tudo, até mesmo o segredo do Pai (Jo 15,15).

* **Carinhoso**, capaz de provocar respostas fortes de amor (Lc 7,37-38; 8,2-3; Jo 21,15-17; Mc 14,3-9).

* **Atencioso**, preocupa-se com a alimentação (Jo 21,9) e o descanso deles (Mc 6,31).

* **Pacificador**, inspira paz e reconciliação (Jo 20,19; Mt 10,26-33; Mt 18,18-22; Mt 16,19).

* **Comprometido**, defende os amigos quando são criticados pelos adversários (Mc 2,18-19; 7,5-13).

* **Realista** e observador, desperta a atenção dos discípulos para as coisas da vida (Lc 8,4-8).

* **Livre**, desperta e provoca liberdade e libertação (Mc 2,27; 2,18.23)

* **Misericordioso**, manso e humilde, acolhe a todos, especialmente os pobres (Mt 11,28).

* **Preocupado** com a situação do povo, esquece o próprio cansaço e acolhe o povo (Mt 9,36-38).

* **Compreensivo**, aceita os discípulos do jeito que são, até mesmo a fuga, a negação e a traição, sem romper com eles (Mc 14,27-28; Jn 6,67).

* Numa palavra, Jesus é humano, muito humano, tão humano como só Deus pode ser humano!

Deste modo, pelo seu jeito de ser e pelo testemunho de sua vida, Jesus encarnava o amor de Deus e o revelava aos discípulos (Mc 6,31; Mt 10,30; Lc 15,11-32). Tornava-se para eles uma pessoa significativa que os marcou pelo resto de sua vida como "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6).

4. O objetivo do uso da Bíblia na Pastoral: revelar a presença de Deus na vida

O objetivo do uso que Jesus fazia da Bíblia não era ajudar os outros a entender a Bíblia, mas sim de ajudá-los a interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Pois, a Bíblia, o Segundo Livro de Deus foi escrito, não para ocupar o lugar da vida, mas para ajudar o povo a entender a vida e descobrir dentro da vida os sinais dos apelos e da presença da Deus.

1º LIVRO: a criação, a natureza, a vida, o mundo, os fatos, a história

O processo da encarnação e do anúncio da Palavra se desdobra em duas grandes etapas. A primeira etapa começou na criação do universo. Ou seja, a Voz da Palavra ressoa em **primeiro** lugar, na natureza, no universo, na vida, nos fatos, como diz o salmo: “O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite. Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida, a toda a terra chega o seu eco, aos confins do mundo a sua linguagem” (Sl 19,2-5). O primeiro livro de Deus não é a Bíblia, mas sim a natureza, a criação, o mundo, a vida, a história, os acontecimentos. É através deste *Livro da Natureza* ou *da Vida* que Deus quer falar conosco.

De que maneira a natureza é o Livro de Deus? Deus criou as coisas **falando**. Ele disse: “Luz!” E a luz começou a existir (Gn 1,3). Tudo que existe é a expressão de uma palavra divina. Cada ser humano é uma palavra ambulante de Deus (Gn 1,27). As crianças são palavra de Deus para os pais; os pais são palavra de Deus para as crianças. Mas nós já não nos damos conta de que estamos vivendo no meio do livro de Deus e que cada um de nós é uma página viva deste livro divino. Há algo que nos impede de reconhecer a presença da Palavra na vida, algo que “sufoca a verdade” (Rom 1,18). O que nos impede?

Santo Agostinho diz que foi o pecado, esta nossa mania de querer dominar tudo, de tratar a natureza como mercadoria e de achar que somos donos de tudo. Por isso, as letras do Primeiro Livro de Deus se atrapalharam e a humanidade já não consegue descobrir a fala de Deus no *Livro da Vida*. Perdemos o olhar da contemplação, nossa capacidade de admirar (cf. Eclo 42,17.22-25; 43,11.27-28). Por isso, surgiu a segunda etapa da encarnação e do anúncio da Palavra de Deus. Nasceu a Bíblia, o Segundo Livro de Deus.

2º LIVRO: a Bíblia

A Bíblia foi escrita, não para substituir o Livro da Vida, mas sim para ajudar-nos a entendê-lo melhor e a descobrir nele os sinais da presença de Deus. O estudo e a leitura orante da Bíblia nos devolvem o olhar da contemplação e nos ajudam a decifrar e a interpretar o mundo, os acontecimentos, a natureza. Fazem com que o Universo se torne novamente uma revelação de Deus, e volte a ser o que deve ser “*O Primeiro Livro de Deus*” para nós.

Como é que Deus faz isso? Como é que a Bíblia foi escrita? O texto da Bíblia não caiu pronto do céu. Nasceu ao longo dos séculos, fruto da ação do Espírito de Deus e de um demorado processo de busca. Impelido pelo desejo de encontrar Deus, o povo foi descobrindo os sinais da sua presença escondida na vida, na história, na natureza e, dentro dos critérios da sua cultura, os transmitia para as gerações seguintes. Assim foi nascendo a Tradição Viva do Povo de Deus, transmitida oralmente de geração em geração. No fim, registraram todas as suas descobertas num livro (cf. Ex 17,14). Este livro é a Bíblia.

A Bíblia traz o resultado da leitura que o povo hebreu fez da vida e da natureza para descobrir nelas a fala e os apelos de Deus. Este *Segundo Livro de Deus* (a Bíblia), assim dizia Santo Agostinho, ajudou o povo a re-descobrir e a entender melhor o *Primeiro Livro de Deus* (a Vida, a Natureza). A Bíblia é o resultado da *Pastoral* que se fazia naquela época para ajudar as pessoas a descobrir Deus na vida.

Aqui está o objetivo mais importante de toda a Pastoral que pode ser resumido da seguinte maneira: com a ajuda e a orientação da Bíblia devemos também nós “escrever a nossa Bíblia”, isto é, devemos imitar o povo de Deus e, como eles, devemos também nós *tentar ler a nossa realidade, descobrir nela os apelos de Deus e expressá-los e proclamá-los dentro dos critérios da nossa cultura.*

5. Mística: só trabalha com a Palavra quem se deixa trabalhar pela Palavra

No fim, sobra uma pergunta: Qual foi a mística que sustentava a Jesus na encarnação e no anúncio da palavra e o mantinha na fidelidade, a vida inteira, até a morte, e morte de cruz? O segredo escondido da vida de Jesus era o Pai. Jesus vivia unido a Ele através da oração. É na oração que ele assimilava e encarnava a Palavra em sua vida. A palavra que Jesus anunciava era a experiência que ele mesmo tinha da palavra. Ele dizia: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado!” (Mt 11,25-26). Jesus experimentava a presença de Deus nesta sua inserção no meio do povo.

Os primeiros cristãos conservaram uma imagem de *Jesus orante* que vivia em contato permanente com o Pai. (Jo 4,34). Em vários momentos ele aparece rezando, sobretudo nos momentos decisivos de sua vida. Eis alguns destes momentos. Você pode completar a lista:

- * Aos doze anos de idade, lá no Templo, na Casa do Pai (Lc 2,46-50).
- * Na hora de ser batizado e de assumir a missão, ele reza (Lc 3,21).
- * Na hora de iniciar a missão, passa 40 dias no deserto (Lc 4,1-2).
- * Na hora da tentação, enfrenta o diabo com a Escritura (Lc 4,3-12).
- * Na hora de escolher os Doze, passa a noite em oração (Lc 6,12).

- * Na hora de começar a falar da sua paixão (Lc 9,18).
- * Na alegria diante dos pequenos: "Pai eu te agradeço!" (Lc 10,21)
- * Na cura do surdo-mudo, olhou para o céu e gemeu (Mc 7,34)
- * Na hora de ressuscitar Lázaro (Jo 11,41-42)
- * Participa das romarias ao Templo nas grandes festas (Jo 5,1).
- * Participa das celebrações nas sinagogas aos sábados (Lc 4,16)
- * Reza antes das refeições (Lc 9,16; 24,30).
- * Procura a solidão do deserto para rezar (Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18).
- * Rezando, desperta vontade de rezar nos discípulos (Lc 11,1).
- * Rezou por Pedro para ele não desfalecer na fé (Lc 22,32).
- * A pedido das mães dá a bênção às crianças (Mc 10,16).
- * Na crise sobe o Monte para rezar e é transfigurado (Lc 9,28).
- * Celebra a Ceia Pascal com seus discípulos (Lc 22,7-14).
- * Na hora da despedida reza a oração sacerdotal (Jo 17,1-26).
- * Indo para o Horto reza salmos com os discípulos (Mt 26,30).
- * Na agonia ele reza: "Triste é minha alma" (Mc 14,34; cf Sl 42,5.6).
- * Na angústia pede aos três amigos para rezar com ele (Mt 26,38).
- * Ao ser pregado na cruz, pede perdão pelo seu carrasco (Lc 23,34).
- * Na cruz: "Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mc 15,34; Sl 22,2)
- * Na morte: "Em tuas mãos entrego meu espírito!" (Lc 23,46; Sl 31,6)
- * Jesus morre soltando o grito do pobre (Mc 15,37).

Esta lista mostra como Jesus rezava nos momentos importantes da sua vida: na crise e na tentação, na escolha dos apóstolos e na decisão de ir para Jerusalém, na agonia do Horto e na hora de morrer na cruz, na alegria e na tristeza. Sua vida era uma oração permanente: "Eu a cada momento faço o que Pai me mostra para fazer!" (Jo 5,19.30). A ele se aplica o que diz o Salmo: "Eu (sou) oração!" (Sl 109,4).

3

Conclusões práticas para a animação bíblica da pastoral

Estamos no fim da nossa reflexão. Analisamos de perto o modo como Jesus usava a Bíblia para animar a sua ação pastoral, a saber: sua maneira de ler e interpretar a Bíblia com familiaridade, liberdade e fidelidade, seu jeito de conviver com os discípulos e com o povo, sua pedagogia participativa no ensino ao povo e seu método de usar a Bíblia, revelado aos discípulos de Emaús. Tudo isto tem muito a dizer a nós que queremos imitar Jesus e chegar a uma animação bíblica de toda a pastoral.

Elencamos aqui dez pontos que resumem a maneira de Jesus iluminar e animar com a Bíblia seus trabalhos pastorais. Estes pontos também mostram como os primeiros cristãos imitavam Jesus, na animação bíblica da sua pastoral nas grandes cidades do império romano. Estes dez pontos podem servir como critério de avaliação da nossa ação pastoral hoje, em nossas grandes cidades mergulhadas na cultura do império neoliberal:

1. Meditação constante da Palavra de Deus.

Só pode trabalhar com a Palavra quem se deixa trabalhar pela Palavra, nem que seja de poucos versículos por dia. Neste ponto Jesus é modelo. Ele se inspirava na missão do Servo descrita no livro de Isaías. O terceiro cântico do Servo é uma espécie de auto-retrato de como Jesus meditava a Palavra de Deus (Is 50,4-7). Os primeiros cristãos imitavam Jesus nesta prática. Por exemplo, os de Beréia “cada dia examinavam as Escrituras para ver se tudo era mesmo assim e muitos deles abraçaram a fé” (At 17,11). O mesmo se afirma de Paulo (At 28,23), do ministro da rainha da Etiópia e de Filipe (At 8,32-35).

2. Ambiente comunitário.

Jesus nunca viveu nem trabalhou sozinho. O ambiente comunitário marcava sua vida, desde a sua infância até o fim da sua vida. Sempre viveu em comunidade. O ambiente comunitário supõe práticas e encontros regulares, através dos quais as pessoas vão assimilando, quase por osmose, toda uma visão bíblica da vida e uma nova visão da própria Bíblia. O mesmo ambiente comunitário marcava a vida dos primeiros cristãos (At 2,42-47; 4,32-37).

3. Ambiente orante e celebrativo.

Na vida de Jesus, o ambiente orante e celebrativo era diário, semanal e anual, tanto no nível pessoal e familiar, como no nível da comunidade e do povo. As celebrações da Palavra aos sábados na sinagoga faziam com que a Palavra tomasse forma na maneira de se viver a vida. Este mesmo ambiente orante e celebrativo marcava também a vida dos primeiros cristãos (At 4,23-31; At 20,7-12).

4. Usar a Bíblia para interpretar a vida

Jesus tinha uma preocupação constante em ligar a Bíblia com a vida do povo. Ele usava o *Segundo Livro de Deus* para iluminar o *Primeiro Livro de Deus*. Pois não adianta saber de cor o Segundo Livro, se ele deixa no escuro o Primeiro Livro. O mesmo se verifica entre os primeiros cristãos: Pedro no dia de Pentecostes (At 2,25-31); a comunidade de Jerusalém na perseguição (At 4,25-28); Estevão diante da incompreensão das autoridades religiosas (At 7,1-53); Tiago durante o Concílio de Jerusalém (At 15,14-15). Para eles, a história da Bíblia era um grande “símbolo do tempo presente” (Hb 9,9; 11,19).

5. Fomentar a admiração diante da natureza

A Natureza criada é a primeira manifestação da Palavra de Deus (Gn 1). Foi na contemplação da natureza que Jesus descobria os apelos da Palavra viva de Deus (Mt 5,45). Através das parábolas, ele convidava as pessoas a criar em si esta mesma atitude contemplativa. Ele devolvia às pessoas a capacidade de admiração diante da Natureza. A mesma atitude diante da natureza transparece no discurso de Paulo no areópago de Atenas (At 17,24-28).

6. O Coração de toda ação pastoral de Jesus: obediência ao sopro do Espírito:

Jesus conhecia a Bíblia de cor. Tinha *familiaridade* com ela. Era o seu livro, o livro da sua família, do seu povo. Por isso ele a usava com *liberdade* não em seu próprio benefício, mas para expressar a sua total *fidelidade* em obediência ao sentido *espiritual* da mesma. A mesma obediência ao sopro do Espírito marcava a ação pastoral dos primeiros cristãos: em Antioquia (At 13,2-3), nas atitudes de Paulo durante as viagens (At 16,6-10), nas atitudes de Pedro (At 10,44-47; 11,15-18; 15,8).

7. Evitar o fundamentalismo pela leitura crítica do texto

O fundamentalismo isola a palavra do contexto de vida e da comunidade, em que ela foi pronunciada. Guiando-se pelo bom senso, pela leitura crítica do texto e pela participação comunitária, Jesus denunciava o fundamentalismo dos escribas. Havia muitos fundamentalismos: os que colocavam a lei do sábado acima da vida (Mc 2,27); os que

preferiam a doutrina humana ao mandamento de Deus (Mc 7,8.13); os que colocavam o rito acima da fé (Mt 5,33-37). Neste ponto, Paulo teve uma experiência concreta. Agarrando-se à letra fora do contexto, chegou a aprovar a morte de Estevão (At 8,1). Por isso, baseado nesta sua experiência traumática, ele escreve: “A letra mata; é o Espírito que dá vida” (2Cor 3,6). Todo fundamentalismo, seja bíblico, doutrinário ou canônico, mata o Espírito.

8. Itinerância e novas formas de pastoral

Jesus não se prendeu às estruturas existentes. Não se limitou ao espaço sagrado da sinagoga. Estava sempre andando de um lugar para outro. Ele soube criar formas novas de anúncio da palavra: visitava o povo nas casas, acolhia e curava os doentes, criava novas formas de vida comunitária, ia ao encontro das pessoas, anunciava a palavra em qualquer lugar onde havia gente para escutá-lo. A mesma criatividade pastoral aparece entre os primeiros cristãos: Paulo encontra as mulheres de Filipos fora da sinagoga, à beira do rio (At 16,13); a casa da Lídia torna-se lugar de encontro para a comunidade (At 16,15.40); na carta aos Romanos, Paulo menciona várias igrejas domésticas (Rm 16,5.14.15).

9. A prática da partilha:

Na descrição do encontro de Jesus com os discípulos na estrada de Emaús transparece a importância da partilha. Eles reconheceram Jesus “na partilha do pão” (Lc 24,35). A partilha era uma prática comum entre os primeiros cristãos a ponto de não haver necessitados entre eles (At 2,44-45; 4,34-35). Barnabé é elogiado por saber colocar sua segurança na vida comunitária, partilhando os bens com os irmãos (At 4,36-37).

10. Pastoral de inclusão

A partir da sua experiência de Deus como Pai, Jesus acolhia os que, em nome de uma falsa interpretação da lei de Deus, eram excluídos de participar da vida em comunidade: os leprosos, os doentes, os samaritanos, os pagãos, as mulheres, as crianças, os publicanos, os pecadores, as prostitutas. Jesus convidava as pessoas a renunciar a qualquer privilégio e a fazer da vida um serviço ao povo. O mesmo convite nos é feito pelos nossos bispos que, no documento de Aparecida, falam nas “pessoas descartáveis” (n. 65) e enumeram as inúmeras formas de exclusão que desfiguram nossa sociedade. Eles nos convidam a uma pastoral de inclusão que, em obediência a Jesus, acolhe as pessoas excluídas como irmão e irmã na vida em comunidade.

Pensamento final.

Nós cristãos dizemos: *Jesus é Deus*. E está certo. Porém, mais importante que dizer *Jesus é Deus*, é inverter a expressão e dizer *Deus é Jesus*. Pois Deus, ele mesmo, não pode ser visto. “*Nunca ninguém viu a Deus*”, diz São João (1Jo 4,12), nem é possível vê-lo (Ex 33,10.23). “*Ele habita uma luz inacessível*” (1Tim 6,16). Mas em Jesus ele chegou perto e se deu a conhecer. Jesus é “a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). Se você quiser conhecer a Deus, olhe para Jesus. Se quiser saber como usar a Palavra de Deus na pastoral, olhe para o jeito de Jesus usar e interpretar a Palavra do Pai. Se quiser saber como fazer pastoral, olhe para Jesus, o Bom Pastor.

O povo de Naím o percebeu. Olhando para Jesus, dizia: “*Deus visitou o seu povo!*” (Lc 7,16). Até hoje o povo tem a mesma percepção. Dizia uma senhora a respeito da comunidade das irmãs no bairro: “As irmãs são o rosto de Deus para nós”.

Este é o fruto da encarnação da Palavra e o objetivo de toda a ação pastoral: revelar Deus presente nos fatos da vida, ser para os outros uma revelação do rosto de Deus. “O Senhor esteja convosco! Ele já está no meio de nós!”